

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

JULIANA CASAGRANDA FERRAZZO

FABRICAÇÃO DE ARTESANATOS NA ALDEIA KAINGANG CAPINZAL/RS

Constantina, RS

2011

JULIANA CASAGRANDA FERRAZZO

FABRICAÇÃO DE ARTESANATOS NA ALDEIA KAINGANG CAPINZAL/RS

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Prof. Orientador: Ivaldo Gehlen
Co-orientadora: Patrícia dos Santos Pinheiro

Constantina, RS

2011

JULIANA CASAGRANDA FERRAZZO

FABRICAÇÃO DE ARTESANATOS NA ALDEIA KAINGANG CAPINZAL/RS

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural .

Aprovado em: Constantina, 28 de Junho de 2011.

Prof. Ivaldo Gehlen - Orientador
UFRGS

Profa. Rumi Regina Kubo
UFRGS

Profa. Carolina dos Anjos
UFRGS

“Não tenho dúvida de que os grupos humanos em seus movimentos de rebeldia...,caminharão na construção de um novo mundo. Se em potência somos iguais na diferença, poderemos construir uma sociedade onde seremos iguais nos acontecimentos.” (Luiz Fellipe Perret Serpa).

Dedicatória

A minha mãe Clair, pelas lágrimas confortadas e por ser meu ponto de equilíbrio, obrigado por existir.

A meu pai Domingos, pelas palavras ditas na hora certa e por ser meu alicerce, obrigado pela compreensão.

A meu irmão Gustavo, pelo apoio e pela força, obrigada por ser o melhor irmão do mundo.

A minha vó Maria, simplesmente por me motivar a continuar quando tudo parecia perdido, obrigada.

A meus primos Camila e Pablo, meus anjos particulares, sem vocês tudo teria sido mais difícil, obrigada por estarem sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por estar comigo nesta jornada.

À Ivaldo Gehlen pela excelente orientação e pela disponibilidade em me ajudar a realizar esta obra.

À Patrícia dos Santos Pinheiro, por ter facilitado o meu entendimento, pela disponibilidade, paciência e por ser uma ótima tutora.

Um oceano de gratidão a toda equipe da UFRGS, por ter disponibilizado este curso de graduação em minha cidade.

A todo o pessoal do Polo de Constantina, sem vocês nada teria acontecido. Obrigada a os tutores Alcione Lazzaretti e Elizandra Schorn e á coordenadora do Polo Mirialena Ghedini.

À prefeitura municipal de Constantina por ter investido nessa causa.

Aos colegas pelas horas de discussão nos momentos em que nos encontrávamos em especial ao colega Ademar da Fontoura pelo apoio nas horas em que tudo parecia distante.

À meus familiares que sempre estiveram comigo mesmo quando me tornei uma pessoa insuportável.

Á meus amigos pelo grande incentivo, em especial a Juliana Favin, Daiane da Silva, Rubens Photrick e Maria Eduarda Stivanin.

À Luiza Algarve por ter me disponibilizado a ida até a aldeia Capinzal e me aberto às portas da biblioteca da escola indígena *Tãnhve Krêgso*, agradeço a toda equipe da escola e também a os professores e alunos da mesma.

Ao cacique Ilírio Portela por ter permitido minha inserção na aldeia, e também a todas as pessoas da comunidade que me acolheram durante este processo de pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para elaboração desse trabalho, a todos meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o artesanato Kaingang da aldeia Capinzal pertencente à Reserva da Serrinha, aldeia esta que se localiza a 11 km da cidade de Constantina/RS, que fica ao norte do Rio Grande do Sul. Neste trabalho procurou-se focar os diferentes tipos de artesanatos fabricados pelos Kaingang, discutindo principalmente o papel do artesanato para as pessoas da aldeia. Ao mesmo tempo, procura-se compreender a sua forma de confecção, os significados que envolvem os mesmos e como se dá sua comercialização ou formas de troca desses artesanatos. Além disso, pretende-se mostrar algumas mudanças ocorridas com o passar do tempo na arte dos Kaingang e conflitos que os mesmos enfrentam, a partir de entrevistas, pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo, relato oral coletivo e observação a campo.

Palavras-chave: etnodesenvolvimento, Kaingang, artesanato.

ABSTRACT

This work is a study of the craft village Kaingang Capinzal Serrinha belonging to reserve that lies north of Rio Grande do Sul, this village which is located 11 km from the city of Constantine, RS.

This work aimed to emphasize the different kinds of handicrafts made by Kaingang, mainly discussing the role of handicrafts to the people of the village, while we seek to understand their way of cooking, meaning that surrounds them and how takes its marketing or trading of these types of crafts.

Furthermore, we shall show some changes over time in the art of Kaingang and conflicts they face, from interviews, library research, field research, observation and oral report to the collective field.

Keywords: ethnic development, Kaingang crafts.

LISTA DE FOTOS

1 Taquara Taquaruçú.....	27
2 Cesto aberto de Taquaruçú.....	28
3 Cesto fechado com tampa de taquara Mansa.....	29
4 Peneira de taquara Mansa.....	29
5 Balaio de taquara Mansa.....	30
6 Ornamentação, cocar e bastões.....	30
7 Casa de pássaros de cipó.....	31
8 Porta canetas de taquara Taquaruçú.....	32
9 Bijuterias de diversos materiais.....	33
10 Instrumentos musicais.....	33
11 Desenho representando a vida dos Kaingang.....	34

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 ARTESANATO KAINGANG: INTRODUZINDO O TEMA.....	13
1.1 Breve contextualização do artesanato Kaingang.....	13
1.2 Metodologia.....	16
1.2.1 Inserção na aldeia Kaingang de Capinzal.....	17
2 OS KAINGANG.....	19
2.1 A etnia Kaingang.....	19
2.2 Reserva de Serrinha.....	22
3 LEVANTAMENTO DOS OBJETOS E MATERIAIS UTILIZADOS PARA CONFECÇÃO DOS ARTESANATOS.....	24
3.1 Coleta de material para confecção do artesanato Kaingang.....	24
3.2 A fabricação dos artesanatos Kaingang e pinturas.....	28
3.3 Comercialização.....	35
4 SIGNIFICADO DAS ARTES KAINGANG E CONTEXTO DA COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTESANATOS.....	36
4.1 Significados do grafismo e suas materializações: artesanato e pinturas Kaingang produzidas na aldeia Capinzal.....	36
4.2 Como os indígenas veem as formas de troca e comercialização dos seus artesanatos.....	38
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou fazer um aprofundamento do tema artesanato Kaingang, levando em consideração, além do artesanato, também o contexto de organização do grupo e o histórico do local de estudo, que é a Aldeia de Capinzal, inserida na Reserva Indígena da Serrinha, Terra Indígena (no que se refere especificamente ao território da Aldeia) situada no município de Constantina, norte do Rio Grande do Sul. Além desse município, a Reserva Indígena da qual a aldeia Capinzal abrange também os municípios de Engenho Velho, Ronda Alta e Três Palmeiras, em uma área total de 11.950 hectares que foram demarcados em 1908. Já o município de Constantina, ao qual a aldeia Capinzal pertence, foi povoado em 1919 (ARESI, 2008), por imigrantes italianos e alemães.

A relação dessa comunidade com outras etnias em muitas situações é conflitante, em especial pelo contexto histórico muito específico de luta pela terra no local, levando os indígenas a passar por dificuldades e sofrer agressões não só físicas, mas também psicológicas; local este em que os Kaingang buscam sobreviver de forma digna. Esse contexto mencionado envolve o fato de que a Reserva Indígena da Serrinha foi ocupada, por volta de 1930 até 1993 por colonos, que foram realocados em 1995, após uma tentativa fracassada dos indígenas de reaverem suas terras.

O que será abordado neste trabalho não é somente a história dos Kaingang, mas também sua relação com o artesanato que fabricam. Importante considerar, nesse sentido, que o artesanato é uma atividade produtiva dos Kaingang que os permite renovar também suas relações sociais, culturais e cosmológicas.

Seguindo essa linha, o problema de pesquisa que me propus a resolver foi como é feito o artesanato na aldeia Capinzal desde a coleta do material, sua confecção, bem como seus significados e a forma de comercialização do mesmo. Com esse problema de pesquisa, busquei brevemente abordar esse povo, histórica e etnologicamente. Com os estudos realizados procurei efetuar um levantamento dos artefatos utilizados, sendo que atualmente a arte indígena vem sendo reconhecida como criação artística. Atualmente, percebe-se um grande interesse na cultura indígena por parte de outras etnias, que também passaram a admirar suas artes e valorizar essa cultura.

Também foi feita a análise de quais os materiais são utilizados para fabricação do artesanato na aldeia Capinzal, assim como sua forma de comercialização e troca, bem como alguns dos significados do processo de elaboração dos artesanatos. Este trabalho buscou fazer um reconhecimento da produção artística desse povo, procurando versar sobre suas manifestações artísticas e gráficas, que estão presentes ora no corpo, ora em objetos, casa, papel, enfim, em todo local onde possa ser expresso o grafismo desse povo. Uma característica marcante da comunidade Kaingang que, como outras sociedades, possui suas especificidades, refere-se ao fato de que os mesmos dividem e organizam as comunidades em metades clânicas isogâmicas, sendo essas metades pertencentes aos Kamé ou aos Kairú.

Como breve contextualização do estudo, a aldeia indígena Capinzal de Constantina, local este onde os estudos para realização do presente trabalho foram desenvolvidos, está distante da sede do município 11 km. O clima na região é temperado úmido com quatro estações bem divididas, o relevo é plano, com algumas áreas acidentadas, as terras da aldeia são cobertas por uma espécie vegetação rasteira, matas ciliares e grandes áreas de matas espalhadas por toda a aldeia.

As áreas da Aldeia que não estão cobertas por vegetação nativa são cultivadas com grãos, sendo que a maioria dessas terras é arrendada para terceiros. Uma pequena área é destinada para a subsistência dos integrantes da aldeia. As terras são planas e isso propicia ainda mais o plantio de grãos. A economia da tribo é baseada majoritariamente na venda de seus artesanatos, também na venda de grãos (pouco) e na criação de gados e suínos para ajudar na renda das famílias.

No primeiro capítulo será feita uma introdução ao tema artesanato Kaingang e uma contextualização do mesmo assim como também falarei das metodologias utilizadas para elaboração dessa pesquisa e a inserção na aldeia Kaingang de Capinzal.

No capítulo dois será apresentada a etnia Kaingang juntamente com uma contextualização sobre a Reserva de Serrinha. Já no capítulo três, encontra-se o levantamento dos objetos e materiais utilizados para confecção dos artesanatos assim como a coleta dos materiais e a fabricação dos artesanatos. Por fim o capítulo quatro apresenta o significado dessas artes e o contexto da comercialização da mesma e como os indígenas veem essa forma de comercialização de seus artesanatos.

1 ARTESANATO KAINGANG: CONTEXTUALIZANDO O TEMA

O artesanato Kaingang é de suma importância para essa etnia, sendo que o mesmo tornou-se uma via de sustento que os ajuda a sobreviver e manterem-se dignos perante a sociedade que os cerca. Tomarei neste capítulo algumas reflexões teóricas sobre o artesanato Kaingang, dando ênfase ao artesanato da região de Serrinha, e em especial procurando conectar com o contexto do artesanato produzido mais especificamente na aldeia Capinzal.

1.1 breve contextualização do artesanato Kaingang

O processo de aprendizagem do artesanato, em suas diferentes formas, não é somente repassado para outros através da oralidade, pela observação, mas também se dá com a participação das atividades práticas do dia a dia, adquirindo assim experiência com as pessoas que já têm esse conhecimento. A confecção dos artesanatos está relacionada ao cotidiano desse grupo e com sua história, quando se fabrica um artesanato não é somente a prática que é envolvida, mas sim toda a história que há por trás desse artefato. Assim sendo, o artesanato Kaingang possibilita aos mesmos reconhecer suas tradições e suas marcas, as quais identificam a forma de vida (Nötzold, s/d).

Para Pohl e Milder (2008), o artesanato Kaingang ocorre em diferentes formas, ocupando várias funções na população indígena. Está presente nos trançados, tecidos, ornamentos, instrumentos musicais, armas, etc. Os artesanatos presentes nos materiais dos Kaingang, principalmente os trançados, constituem-se em referências visuais claras de sua identidade cultural em relação à sociedade envolvente, seja ela dos brancos ou de outra etnia indígena.

Ainda seguindo os autores citados acima, pode-se notar que o uso da planta chamada taquara é bastante amplo para esse povo, estando relacionado não só com a concepção de artefatos, mas participando do cotidiano e da memória cultural desse povo. Porém, não somente a taquara é utilizada na confecção dos cestos, mas também espécies de cipó e cascas de timbó.

Fator importante na sua cosmologia, às técnicas de confecção dos cestos constituem exemplo da dualidade Kaingang, expressa nas metades clônicas Kamé e Kairú. A ascendência Kamé e Kairú é adquirida ou herdada da parte paterna: sendo assim, são divididos nas duas categorias cosmológicas, uma ligada ao gênero ancestral Kamé e outra ligada ao gênero ancestral Kairú (SILVA, 2008). Quando confeccionam seus artesanatos deixam transparecer a

que metade clânica pertencem, em especial na prática da cestaria, sendo que as formas redondas, baixas, que se fecham sobre si são Kairú, e pertencem à Lua, e as formas compridas, abertas, leves e que não têm fim são Kamé, pertencentes ao Sol (SILVA, 2008).

Conforme Godoy (s/d), os traços e trançados presentes na cestaria e em todos os artefatos elaborados pelos Kaingang são elementos substanciosos para entender esta etnia e deixar sua marca na história. Pois através da sua arte pode-se conhecer melhor sua forma de vida, convivência e suas crenças.

Aresi (2008) conceitua cada artesanato, sendo comum encontrar um objeto *téi* (Kamé) com representações gráficas *ror* (Kairú), quando é feita a junção das duas metades simbolizando a relação de complementaridade entre as mesmas. O uso dessas marcas ao mesmo tempo é citado pela autora na Reserva Indígena de Nonoai, RS, significando a autoridade e a influência que o indivíduo possui sobre as duas metades. Como exemplo disso, pode-se citar o cacique, que mistura objetos ligados às duas metades para ter influência sobre ambas.

Conforme Bregalda e Chagas (2008), o artesanato é sem dúvida uma atividade produtiva dos Kaingang, pois os permite ter um fortalecimento de organização, procurando dar sustentabilidade ao grupo, o que valoriza a etnia. Com o artesanato também lhes é permitido criar vínculos voltados à sociedade industrial. Quando criam esses vínculos, lhes é favorecido uma melhor forma de comercialização de seus produtos, fazendo assim que os seus produtos sejam mais bem aceitos perante a sociedade.

Além das cestarias, os Kaingang também produzem outros artefatos, dentre eles se destacam as bijuterias, que também são elaboradas com elementos encontrados na natureza, acrescentadas de outros materiais que serão detalhados adiante.

Não só a prática do trançado, mas todos os artefatos envolvidos servem como fonte de renda para muitas famílias Kaingang da Reserva de Serrinha, não só para suas necessidades básicas, mas também para a manutenção de elementos importantes de sua cultura, que aos poucos está se modificando. Como os Kaingang em muitos momentos foram forçados a se reorganizar para garantir sua sobrevivência e adaptarem-se em novos hábitos, algumas de suas artes foram se perdendo ou mudando com o passar dos anos, uma delas é a arte de confeccionar a cerâmica. Um dos fatos de não a confeccionarem mais é por que a aldeia não disponibiliza de matéria prima para esse tipo de artesanato.

Para a elaboração dos artefatos, os Kaingang dependem muito da natureza, pois é dela que vão extrair o material para confeccionar sua arte, os mesmos têm consciência de que se não preservarem as matas da reserva, a matéria prima que hoje já é escassa vai se extinguir.

Hoje eles já têm que percorrer vários quilômetros para encontrar os materiais necessários para fazer seu artesanato, mas consideram que se não preservarem vão precisar comprar de outras reservas ou até mesmo dos agricultores da região, o que seria um fator limitante para confecção do artesanato.

Mas além desse aspecto funcional, para os Kaingang a mata, a terra, os animais, o sol, a lua, o rio, são elementos simbólicos, perder esses elementos não significa só perder a sua identidade, mas sim perder um mundo de projetos, de sonhos, por isso lutam para preservar seu espaço (CARINI, 2005). Perder esses elementos é como perder parte do que são por isso dão tanta importância para as terras em que vivem.

Para eles, se é da mata que vem seu sustento é seu dever cuidar e protegê-la. Como deixam a natureza se regenerar naturalmente, a mesma demora mais tempo para voltar ao normal, sendo assim não permanecem utilizando um mesmo local para não interferir na natureza que está se renovando.

A princípio os artesanatos eram utilizados somente pelas pessoas da tribo, as cestarias eram utilizadas para coleta de alimentos, armazenagem e estocagem de grãos e outros alimentos que podiam ser mantidos por algum tempo armazenados, assim como também para peneirar as farinhas fabricadas na aldeia e secar grãos a sombra. Os cestos confeccionados também serviam para guardar roupas e utensílios utilizados pelos Kaingang, os objetos que elaboravam serviam de enfeite para suas casas e para decorar os locais onde faziam suas festas, já os instrumentos musicais e armas eram utilizados em seus ritos, cerimônias e guerras. Todos os adornos fabricados na aldeia eram de exclusividade desta etnia, não sendo disponibilizados para outras pessoas.

Coletavam todo material necessário para realizar a produção do artesanato direto de sua aldeia sem precisar se deslocar para outras áreas. Com o passar do tempo, essas áreas foram sendo dizimadas e a sobrevivência tornou-se difícil. Manter-se em suas reservas já não era mais tão fácil assim, a partir de então os Kaingang começaram a comercializar seus artesanatos e usá-los também em troca de itens de sua necessidade, como roupas, comidas e outros utensílios.

Hoje, os Kaingang da aldeia Capinzal sobrevivem a partir da venda ou troca de seus artesanatos, confeccionando sua arte não mais somente para uso próprio, mas para sua sobrevivência. Com a falta de caça e pesca, os índios foram obrigados a se inserirem relações de troca mercantil e estão tirando seu sustento da venda de sua arte. Em certas épocas do ano os Kaingang fazem viagens mais longas para poder vender seus artefatos, isso ocorre no Natal, Páscoa e quando a aldeia é atingida por fortes secas que destroem as plantações. Durante

o resto do ano comercializam seus artefatos na região e nos seus arredores, além de participar de feiras que acontecem nas cidades para expor seu material.

1.2 Metodologia

A pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a ser investigada, é um processo inacabado que sempre busca respostas, procurando aproximar-se assim cada vez mais da realidade. Para realizar o estudo em questão, usei algumas técnicas qualitativas, dos quais podem ser citadas pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo, entrevistas baseadas em roteiro, relato oral coletivo e observação a campo. Trabalhando em conjunto com essas técnicas foi permitido recolher mais informações do que se colheria se se trabalhasse utilizando somente uma delas.

Na pesquisa bibliográfica, procurei por obras que relatassem a etnia Kaingang, em especial que dessem relatos de como é seu artesanato, como o mesmo é visto por olhares diferentes e qual sua concepção perante a sociedade.

Na pesquisa de campo, procurou-se a aproximação com a comunidade. Foram feitas caminhadas junto aos moradores da aldeia para reconhecimento de território e abrangência do mesmo, a partir da observação de campo, onde se visualizava o dia a dia das pessoas da aldeia e o desenrolar de suas atividades.

Os dados coletados junto à comunidade foram de suma importância, em especial as conversas coletivas, que aconteciam de acordo com a necessidade de informação em determinados momentos. Foram conversas em que se reuniam pessoas da aldeia para explicar suas ideias, de acordo com seu interesse de participação.

A escolha dos informantes se deu conforme a disponibilidade das pessoas e de acordo com seus conhecimentos sobre o assunto, que foi o que regeu todo processo de pesquisa, em caminhadas pela aldeia as conversas iam surgindo e o assunto sempre era abordado da melhor maneira possível, sem constranger as pessoas ou dificultar a entrevista.

Começávamos a conversa com duas pessoas, às vezes três, e no fim da rodada de perguntas estávamos em mais de dez, todos muito participativos, querendo saber o que estava se passando pela minha cabeça e como eu via a sua comunidade. Quando lhes fazia alguma pergunta que não queriam responder, calavam-se. Para não deixá-los constrangidos passava para outra pergunta ou mudava o rumo da conversa sabendo que não obteria respostas se voltasse a insistir no mesmo assunto. Às vezes também falavam em Kaingang entre si para elaborar a resposta.

1.2.1 Inserção na aldeia Kaingang de Capinzal

Relatarei o porquê da escolha dessa comunidade tradicional como objeto de meus estudos. Há dois anos tive a oportunidade de assistir a uma apresentação feita pelos alunos da escola indígena da aldeia de Capinzal *Tãnhve Krêgso*, representando suas danças, cantos, rituais de guerra e expondo seus artesanatos. Depois desse dia, a vontade de entrar em contato com esse povo aumentou.

Meu contato inicial com a cultura Kaingang se deu há 17 anos, pois havia alguns dos meus familiares que residiam nessa área indígena, naquela época as famílias de colonos estavam começando a enfrentar os conflitos da retomada de terras pelos Kaingang. Com o passar do tempo algumas dessas famílias foram saindo da área que pertencia aos índios. Meus familiares permaneceram na aldeia por um bom tempo depois da retomada, esperando pelas terras e indenizações que iam receber, foi quando comecei a ter contato direto com essa etnia.

Depois de ficar algum tempo sem ter contato com a aldeia, passei novamente a visitá-la para realização desse estudo sobre o artesanato Kaingang. Dirigi-me até a aldeia para pedir autorização para realizar a pesquisa, conversei com o cacique da tribo, Ilírio Portela, o qual me recebeu muito bem e me autorizou a entrar na aldeia, também ficou feliz em abrir as portas de sua etnia e garantiu que sempre seria bem recebida e que me ajudariam no que estivesse ao seu alcance. A partir de então tracei um roteiro e comecei meus trabalhos na aldeia.

Fui à aldeia, acompanhada inicialmente do meu pai (Domingos), mas depois passei a me dirigir até a aldeia com a diretora da escola indígena *Tãnhve Kregso* da aldeia de Capinzal, professora Luiza Algarve, com a possibilidade de passar mais tempo na aldeia.

Pela parte da manhã passei a percorrer a aldeia, conversando com seus habitantes, observando, fazendo anotações e fotografando o que me era permitido. As crianças eram as mais corajosas, a curiosidade e a inocência que as mesmas têm faziam com que se aproximassem mais e sem timidez, os jovens por serem mais desinibidos mantinham contato mais direto, claro que com algumas exceções, os adultos eram mais desconfiados que o restante. Pude sentir que ficavam retraídos e muito mais observadores com a presença de uma pessoa que não pertencia ao grupo.

Pude desfrutar da biblioteca da escola para fazer pesquisas bibliográficas e elaborar textos, também aproveitei para conversar com os alunos e com os professores que residem na aldeia Capinzal. Percorri as áreas mais afastadas da aldeia junto com o senhor Campos,

motorista que faz o transporte escolar dos alunos da aldeia, assim pude ter uma visão mais ampla de como está estruturada a aldeia e as pessoas que nela habitam e fotografei o que me foi permitido. Sobre meu objeto de estudo, onde o que está em foco é o artesanato, não me foi permitido o acompanhamento de algumas atividades, como a coleta do material para realizar as atividades, como eles se deslocam da aldeia para encontrar material para realizar seus artefatos.

Uma das coisas que não me passou despercebida é de como são feitas certas divisões entre esse povo, os que estão mais próximos do cacique possuem mais acesso a facilidades, essas pessoas em sua maioria estão ligadas pelo parentesco que possuem com o cacique ou por frequentarem o círculo de amigos do mesmo, enquanto que os que estão mais distantes dessa hierarquia são menos favorecidos. Justamente esses últimos são as pessoas que ainda fabricam os artesanatos por ser uma forma de sobrevivência.

A maioria das terras produtivas da aldeia estão arrendadas para terceiros, pessoas essas que não fazem parte da etnia Kaingang. Para eles, a terra produz seus alimentos sem que precisem explorá-la ao máximo, quando pessoas de outras etnias apareceram dando-lhes novas possibilidades de conseguir alimentos e dinheiro sem esforço é de imediata aceitação de arrendamento dessas terras. Mas nem todos participam da divisão do que ganham desses arrendamentos e se participam é ganhando muito pouco, portanto, as poucas áreas que restam são reaproveitadas pelos índios para cultivar legumes, raízes, alguns tipos de grãos e manterem seu gado de leite e engorda assim como também para criar suínos.

Como não poderia deixar de ser, houve dias na pesquisa de falta de motivação, pois os objetivos não estavam sendo alcançados, muitas das pessoas com quem conversava não desejavam participar e isso tinha que ser respeitado. Senti falta também de acompanhá-los na realização da coleta e da transformação do material coletado em arte.

Com o cuidado de que nada fosse efetuado de maneira precipitada, todas as atitudes e palavras eram pensadas e analisadas muitas vezes para que nada fosse entendido de maneira errada.

2 OS KAINGANG

Neste capítulo será feita uma breve contextualização de elementos importantes para os Kaingang, atentando em especial para a realidade do local deste estudo, na aldeia de Capinzal-RS, pertencente à Reserva da Serrinha. Em linhas gerais a aldeia de Capinzal é pertencente à etnia Kaingang, comparando sua forma de vida com outras etnias os mesmos não se distinguem dessas populações, comprando sua forma de vestimenta e alimentação.

A população dessa Reserva já teve uma diminuição muito significativa: nos primeiros anos de retomada eram mais de 100 famílias. Hoje, estima-se que esse número caiu pela metade, em função da falta de condições adequadas de vida, o que faz com que os mesmos migrem para outras reservas e aldeias, além de também receberem titulações de novas Terras Indígenas, sendo assim também deixam a aldeia para retomar novas terras ou vão para outros lugares a fim de deixar que a terra se renove e com o tempo possam voltar para a mesma.

Neste capítulo, será abordada a etnia Kaingang, assim como um breve relato sobre a Reserva de Serrinha, onde será descrito alguns dos conflitos que surgiram na retomada dessas terras.

2.1 A etnia Kaingang

Os Kaingang pertencem à família linguística Jê, macro-jê, também conhecidos como Guayanás. Estão distribuídos nos seguintes estados: Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, segundo a FUNASA (2009), em um total de 33.064 Kaingang. Estão divididos em 32 terras indígenas, mas os censos realizados até agora são muito precários, já que as famílias Kaingang mudam-se com frequência. O crescimento vegetativo é bastante alto, mesmo com o elevado índice de mortalidade infantil (FUNASA, 2009).

Sobre a origem dos Kaingang no norte do Rio Grande do Sul, os Kaingang são originários dos Guayanás, povo que se encontrava no Alto Uruguai no século XVII. As primeiras tentativas de ocupação de campos e florestas que eram habitados pelos Kaingang se deram na província do Paraná, incluindo parte do Estado de Santa Catarina (POHL e MILDER, 2008).

A maioria da população Kaingang é bilíngue, porém há exceções de algumas aldeias onde só as gerações mais velhas falam Kaingang e as gerações mais novas só falam português.

Percebe-se um grande interesse da comunidade Kaingang localizada no município de Constantina, local deste estudo, em manter ou recuperar o uso da língua nativa.

A organização social dos Kaingang é baseada no coletivismo, onde ninguém come ou bebe sem dividir com os outros membros da tribo: também é desenvolvida a partir de um modelo tradicional que vem se renovando com o passar dos anos. Os Kaingang são caracterizados como uma sociedade sociocêntrica que reconhece princípios sócios cosmológicos dualistas e apresenta um sistema dito como metades.

Os Kaingang são divididos em sua metade originada recebendo os nomes de Kamé e Kairú. Os Kamé e Kairú produzem as divisões entre homens e seres da natureza, sendo assim o Sol é Kamé e a Lua é Kairú, nomes esses também divididos na fauna e na flora (SILVA, 2008).

Figuras de grande importância na organização Kaingang o Cacique e o vice Cacique participam dos processos de tomada de decisões que estão relacionados a aspectos econômicos, políticos, jurídicos e éticos, sendo que também há a participação de outras autoridades Kaingang que são chamadas para juntas tomar as decisões necessárias para o bem estar da aldeia. Essas autoridades são os ex-caciques e os anciões da aldeia.

A escolha do cacique é feita através de eleições, onde participam homens com idade acima de 15 anos. O processo de escolha se dá identificando os partidos como milho e feijão. Se há mais de dois candidatos então se usam mais tipos de grãos representando cada um deles (trigo, feijão ou arroz), os grãos são depositados em uma caixa e o candidato (milho, feijão, arroz) que receber mais grãos referente ao seu partido é o vencedor.

Os Kaingang têm suas próprias leis e cada delito cometido na aldeia é julgado de acordo com sua gravidade, os delitos mais leves costumam não ultrapassar três dias de cadeia, cadeia essa que fica dentro da aldeia e é vigiada pelos próprios índios, em casos mais graves pode até acontecer à expulsão da aldeia.

Há relatos de pesquisadores que registraram a grande riqueza das artes e das culturas materiais dos Kaingang. As armas de guerra eram arcos (*uy*), flechas (*dou*) e lanças (*urugurú*), as pontas das flechas eram feitas de ossos de macaco bugio (*góg*) e de micos (*kajér*). Com o tempo passaram a ser de ferro, que era obtido através dos brancos. Os arcos eram feitos de pau d'arco (*Tabebuia Chrysantha*) e as lanças eram feitas de ferro que era obtido dos brancos. (ARESI, 2008).

Hoje, os Kaingang só produzem estas armas com o intuito de vendê-las para decoração, pois já não fazem mais guerras e quando caçam-atividade que é rara-, usam espingardas. Os índios da aldeia Capinzal não têm mais muitas opções de caça, e o que

conseguem caçar é abatido com armas de fogo. Como boa parte da comida é adquirida, a necessidade de caça é menor.

Os instrumentos musicais, segundo Borba (1908), eram buzinas de chifre de boi ou taquara (*paquire*), flauta de taquara (*coqué*), marcas (*xii, xik-xi*) e apitos de taquara. Hoje os Kaingang tocam violão, acordeom e guitarra elétrica. As artes Kaingang aparecem de várias formas, como: trançados, tecidos, armas, utensílios de cabaça, cerâmicas, troncos de pinheiros e pinturas corporais.

Os povos indígenas viviam da caça, pesca coleta e agricultura, com alimentos para subsistência (mandioca, abóbora, batata, etc.). Hoje sobrevivem das roças administradas pela FUNAI, de roças familiares, da venda do artesanato, prestação de serviços para produtores rurais e também há Kaingang que deixam as aldeias pra fazer cursos superiores, buscando qualificação.

Além de ter perdido boa parte de seus antigos territórios, os Kaingang viram as florestas que deles faziam parte serem destruídas e as terras mais produtivas serem arrendadas para grandes fazendeiros brancos, muitas vezes pelos próprios órgãos indigenistas. Certas reservas ainda foram atingidas por barragens, piorando ainda mais a situação desses povos.

Instalados em pequenas áreas de terra com solo na maioria das vezes inférteis ou degradados pelo intenso manuseio, os espaços ficaram cada vez mais degradados e a produtividade já não supre mais a necessidade das famílias. Quando se soma a isso a deficiência das políticas indigenistas, o quadro atual das terras indígenas é precário em todos os sentidos, manifestando-se em: subnutrição, doenças infectocontagiosas, alcoolismo, alto índice de mortalidade infantil e doenças de pele. Apesar de viver nessas condições, os Kaingang não deixam de lutar pelos seus direitos, pela reconquista de suas terras, por uma boa educação e por políticas voltadas à saúde.

Hoje são reconhecidas oficialmente como terras indígenas no Estado do Rio Grande do Sul as terras de Irai, Rio da Várzea, Nonoai, Serrinha, Votouro, Monte Caseros, Ligeiro, Carreteiro, Cacique Doble, Guarita e Inhacorá; no Estado de Santa Catarina as terras de Chapecó, Toldo Chimbangue e Toldo do Pinhal; no Paraná as terras de Apucarana, Mococa, Queimadas, Ivaí, Faxinal, Marrecas, Mangueirinha, Rio das Cobras e Palmas; no Estado de São Paulo as terras de Icatu e Vanuíre (FUNAI, 2009).

2.2 Reserva de Serrinha

O local onde se encontra a Reserva da Serrinha foi palco de conflitos entre colonos e índios, ambos lutando pela mesma terra. Por um lado os colonos insistiam em permanecer na reserva onde adquiriram suas terras, e pela parte dos índios que queriam recuperar o que lhes pertencia. Os colonos entraram na Reserva de Serrinha por que na época em que adquiriram essas terras elas estavam sem ocupação fixa. Eles chegaram nessa terra por volta de 1930, migrando em busca de melhores condições de cultivo e procurando criar novas comunidades, tendo total apoio do poder público.

A retomada das terras na reserva de Serrinha pelos povos indígenas começou no ano de 1993, tornando assim um ambiente de muita intranquilidade para os colonos que viviam nessas terras. O processo de retirada dos colonos foi muito lento, dificultando a convivência entre índios e colonos.

Há muitos trabalhos que enfocam os conflitos entre colonos e indígenas no Rio Grande do Sul, mas citarei aqui dois autores que abordam um pouco desse conflito. Um dos autores é Teschauer (s/d), que escreveu “Os Kaingang ou coroados do Rio Grande do Sul”, em que buscou falar sobre a origem dos grupos do norte gaúcho e também de suas especificidades culturais; o outro autor é Joel Carini, que escreveu a obra “Estado, Índios e Colonos” (CARINI, 2005).

Com o recorrente processo de ocupação de territórios indígenas, muitos grupos indígenas foram levados ao extermínio, provocando assim uma redução significativa de suas terras e dos recursos que eram necessários para sua reprodução. O conquistador em contato com o nativo impôs sua visão de mundo, desconsiderando totalmente as comunidades indígenas. Segundo o autor Joel Carini (2005), uma análise teórica sobre a conotação simbólica de terra, espaço e natureza, presente em diferentes maneiras para os brancos e índios, ainda que extremamente superficial, permite-nos perceber as diferentes percepções de mundo desses atores.

Em outubro de 1993 começaram chegar à reserva de Serrinha as primeiras famílias Kaingang, na primeira manifestação oficial com o objetivo de requerer suas terras. Com o desenrolar dos fatos várias reações surgiram por parte dos agricultores que estavam no local: surpresa, revolta, inquietação e desespero. Os Kaingang queriam retomar seu território e os agricultores não queriam deixar as terras que adquiriram pela via legítima da compra, mantendo a regularidade do pagamento dos impostos dessas terras.

No dia 11 de novembro de 1996 aconteceu a segunda tentativa de retomada das terras e o retorno definitivo dos Kaingang, desagradando os colonos que consideravam que não haveria meios de reprodução material nas reservas, expressando o seguinte pensamento: “Não têm mais matas e os rios já não estão mais tão abastecidos de peixes, do que eles vão viver se não trabalham?” É possível perceber que os colonos guardavam um profundo ressentimento em relação aos Kaingang, ignorando que os mesmos podem ver e se relacionar com a natureza de maneira diferenciada.

Desde 1996, os Kaingang vivem na Terra Indígena de Serrinha, norte do Rio Grande do Sul, convivendo com etnias diferentes da sua já por 14 anos, porém ainda alvo de preconceito e de controvérsias.

3 LEVANTAMENTO DOS OBJETOS E MATERIAIS UTILIZADOS PARA CONFECÇÃO DOS ARTESANATOS

Os artesanatos confeccionados na aldeia Capinzal vão das cestarias, armas de guerra, utensílios, objetos decorativos e bijuterias. Os materiais utilizados para preparar esses artefatos em sua maioria são coletados na natureza, como taquaras, cipós, cascas de timbó, sementes, caroços de frutas, penas, mas também podem ser comprados na cidade, caso dos pinos de ferro, fios de *nylon*, fios de silicone, tintas, colorantes, etc. As ferramentas para coleta e preparação do material são facas, facões, tesouras e caldeiras.

O presente estudo realizado sobre artesanato Kaingang englobará o acompanhamento e a análise do processo como um todo, desde a coleta do material para a confecção dos artesanatos até sua preparação e finalização. Também foram feitas análises sobre o significado de cada peça elaborada na aldeia, além de buscar compreender qual a importância do artesanato para o desenvolvimento da aldeia.

Os artefatos elaborados na aldeia são cestos, balaios, peneiras, armas de guerra, bijuterias e instrumentos musicais, além de objetos para decoração também efetuam pinturas nas paredes de suas casas, locais de celebração e na escola.

Neste capítulo será abordada a forma de coleta do material utilizado para confecção dos artesanatos produzidos pelas pessoas da aldeia Kaingang Capinzal, assim como também sua fabricação e comercialização.

3.1 Coleta de material para confecção do artesanato Kaingang

A aldeia Capinzal já não dispõe de muita matéria prima para confecção dos artesanatos, devido ao desmatamento que aconteceu na aldeia na época em que ela era habitada pelos colonos, em função do aumento do espaço voltado para a agricultura, o que ocasionou o sumiço da matéria prima utilizada para realização dos artesanatos, em especial, a taquara e o cipó. Na falta desse material também é utilizada a casca do timbó, mas nesse caso procura-se utilizá-la minimamente, pois depois de retirada a casca, a planta vem a secar e morre.

A coleta do material para confecção de cestos e outros artefatos trançados geralmente é feita pelas mulheres da tribo. No caso da aldeia Capinzal, os homens também fabricam e praticam o trançado, não havendo restrições. A partir dos nove anos de idade os filhos

acompanham os pais para começar a aprender a prática do trançado e ajudá-los na confecção e coleta do material necessário para obtenção dos cestos.

O dia para as pessoas que confeccionam a cestaria começa cedo, saem de suas casas antes do amanhecer, sozinhos ou em grupo, a procura da matéria prima (taquara, cipó) necessária para desenvolverem seus trabalhos. Quando não estão na escola, as crianças acompanham seus pais para começar a aprender o trançado. Nem sempre se consegue a matéria prima na aldeia, dado que já foi mencionado, grandes áreas foram desmatadas pelos colonos que viviam nessa região. Com isso os indígenas na maioria das vezes têm que se deslocar para outras reservas ou áreas que não estão dentro de suas demarcações, sendo que às vezes precisam ficar mais de um dia fora de casa para conseguir material para fabricação de seus artesanatos, com extensas caminhadas para encontrar os materiais necessários para fazer seus trabalhos, muitas vezes expostos a riscos (como ataques de animais silvestres, por exemplo) e necessidades (alimentação, higiene).

Quando encontram o material para confecção das cestarias na aldeia, o retiram da mata e o levam para casa para trançar, mas se encontram o material em áreas mais retiradas de sua reserva, confeccionam o artesanato ali mesmo, levando para casa as peças prontas. Algumas taquaras ou cipós são tingidos, o que exige que, quando saem para áreas retiradas de sua aldeia, levem tudo o que é necessário para o tingimento consigo.

Usa-se para tingir as tiras a tinta de urucum, que é uma planta que dá um fruto no qual se encontram várias sementes pequenas cobertas com um pigmento vermelho. Ao esfregá-las ou deixá-las de molho na água elas soltam uma coloração avermelhada que é utilizada para colorir as taquaras ou os cipós. Quando não conseguem encontrar urucum ou até mesmo para diferenciar os trabalhos com outras cores, os índios se deslocam até a cidade e compram anilina para poder fazer a coloração do material, com o dinheiro da venda de seus artesanatos.

Além da coleta de material para cestaria, também são coletados materiais para ornamentação, fabricação de armas, objetos de decoração, bijuterias, urucum para pinturas corporais e instrumentos musicais. Os materiais coletados para ornamentação são cipós e penas de pássaros. As penas são coletadas nas épocas em que os pássaros estão fazendo a troca de penas, ou são retiradas de aves que os indígenas consomem (como as galinha, por exemplo).

Para as armas, procuram-se galhos de árvores favoráveis para fabricar arcos, flechas e bastões. Para os objetos de decoração, os troncos de pinheiro são os mais procurados. Para as bijuterias são coletadas sementes, caroços de frutos, cipós, folhas de palmeira e penas. Da cidade vem o verniz, os fios de *nylon* ou fios de silicone e as contas coloridas. As pinturas

corporais precisam de tintas de urucum ou guache e taquara. Para elaboração dos instrumentos musicais são coletados porongos (que são plantados na aldeia), troncos, taquara, penas, sementes, cipós, além do verniz que é adquirido na cidade, e as tintas que são industrializadas ou de urucum. Nessa fabricação também são usados pincéis.

Os Kaingang da aldeia Capinzal também deixam suas marcas de grafismo nas paredes de suas casas, nos locais de festa e na escola, pintando as paredes para representar sua história, para os quais utilizam pincéis e tinta guache.

Com a atual escassez de matéria prima para o artesanato na Reserva pertencente à aldeia Capinzal, os índios têm feito o trançado nas matas longe de suas casas, como relatado anteriormente, sendo assim não tive a oportunidade de vê-los fazendo. Por questões de segurança, não foi permitido acompanhá-los para as matas onde fariam a coleta dos materiais, o que tive acesso foi o relato de como o mesmo é feito e como se dá o procedimento.

Os Kaingang têm um profundo respeito pela natureza, pois é ela que lhes garante o sustento. Eles enfrentam dificuldade para permanecer no mesmo local e é por isso que muitas famílias já migraram para outros locais, à procura do estabelecimento de relações sociais com outros da sua etnia e conseguir um local melhor para viver e produzir seus artefatos.

Um dos motivos para essa migração que Dornelles (2008), relata das aldeias Kaingang é a escassez de alimentos. Por serem muitas pessoas para dividir, os alimentos foram se tornando escassos, obrigando assim que parte dos Kaingang migrasse para outros locais.

Como passam alguns dias fora de suas casas, para conseguir material para o trançado e outros objetos fabricados por eles, sua alimentação e higiene pessoal são prejudicadas. Não carregam alimentos consigo, param nas casas dos agricultores que moram fora da reserva para pedir comida. Boa parte das vezes esta tarefa fica a cargo das crianças que acompanham o grupo, que passam de casa em casa pedindo alimentos, água e utensílios domésticos para preparar os alimentos. Quando elas conseguem comida, por menor que seja a quantidade, não lhes é permitido comer até que cheguem ao local onde se encontra o grande grupo, onde a comida é preparada e servida.

Os utensílios domésticos que conseguem para preparar o alimento não são reutilizados. Como esse povo não possui apego pelas coisas materiais, não veem necessidade de continuar com os objetos adquiridos junto a outras etnias, sendo assim largam os objetos assim que já não lhes são mais necessários.

A higiene pessoal é feita em rios ou em torneiras encontradas em estabelecimentos por que passam e, dormem nos locais próximos onde estão coletando o material para confeccionar seus artefatos.

O material mais usado para realização dos artesanatos é a taquara, sendo que a mais procurada pelos índios é a taquara mansa, por não conter espinhos, e ser mais fácil de dominá-la. Existem vários tipos de taquara, a maioria é de caule oco e segmentado em gomos onde as folhas se prendem conforme FIGURA1.



Figura 1-Taquara Taquaruçú na localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (10/03/2011).

Há duas espécies de taquaras que são utilizadas pelos índios na hora de confeccionar seus artesanatos, que são: a taquara Mansa e o Taquaruçú, sendo que a mais usada é a taquara Taquaruçú, pois é a mais fácil de ser encontrada. A taquara Mansa é mais grossa com gomos mais longos, lisa e de cor amadeirada, o Taquaruçú é mais fino, com gomos mais curtos é de cor esverdeada e possui minúsculos espinhos em seu caule.

O ciclo de vida da taquara Taquaruçú se dá em um período de 30 a 35 anos, a seca da taquara ocorre logo após a única frutificação da espécie, os frutos parecem com sementes de trigo e arroz, já o ciclo de vida da taquara Mansa é a metade do ciclo da taquara Taquaruçú.

3.2 A fabricação dos artesanatos Kaingang e pinturas

O artesanato Kaingang e as pinturas estão representados de muitas formas dentro da etnia, desde a arte do trançado até as pinturas nas paredes e corporais, representando todo seu lado artístico que ajuda também a contar a sua rica história. O primeiro artefato que terá aqui sua forma de produção descrita é a cestaria, sejam elas de taquara ou cipó. Podem ser cestos, balaio e peneiras.

Para confeccionar um **cesto** de taquara (FIGURAS 2 e 3), utilizado para armazenar e coletar alimentos ou para ser comercializado para os agricultores da região, primeiramente deve-se cortar a taquara de sua base, no caso da aldeia estudada é usado o Taquaruçú, por ser um tipo de taquara que é mais facilmente encontrada. Essa taquara é lascada em tiras até se ter o suficiente para elaborar um cesto, que também depende do tamanho do cesto a ser confeccionado. Após fazer as tiras da taquara, ela é raspada com uma faca até ficar fina (em situações em que se quer ter um cesto mais resistente a taquara é deixada mais grossa), para se começar o trançado do cesto.

Os cestos também são feitos de cipó, no mesmo processo que a taquara para deixar ele pronto para a trançagem. Na falta de taquara e de cipó, é usada a casca do timbó. Nesse caso, procuram por timbós mais novos, onde a casca é mais fácil de ser removida, cortam-no em tiras e o raspam, depois trançam até confeccionar um cesto. Para concluir um cesto demora-se em média um dia. Alguns são de formato redondo e outros mais compridos, uns com espaços mais abertos e outros mais fechados.



Figura 2- Cesto aberto de Taquaruçú localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (02/17/2011).



Figura 3- Cesto fechado com tampa confeccionado com taquara Mansa, localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (16/12/2010).

Já as **peneiras** (FIGURA 4) são confeccionadas com outro tipo de taquara, a taquara Mansa, que é utilizada por ser mais fácil de trançar, embora seja mais difícil de ser encontrada. Em processo semelhante ao aplicado ao Taquaruçú, ela é cortada em tiras e raspada até ficar bem fina, depois desse processo ela é trançada até ganhar forma.



Figura 4- Peneira de taquara Mansa na localidade de Capinzal.

Fonte : Juliana Ferrazzo (06/12/2010).

Os **balaios** (FIGURA 5) também são feitos da mesma maneira que as peneiras, só que algumas tiras são tingidas com urucum ou anilina. Quando encontram urucum, fato raro nesta aldeia, preparam-no com água e quando ele solta a coloração eles mergulham as taquaras para tingi-las. Já a anilina é comprada em várias cores para fazer o tingimento da taquara. Ela é

diluída em água fervente, onde a taquara é mergulhada, e permanece sob o fogo, de molho, até que fique totalmente coberta pela tinta. Depois de terminado esse processo, a taquara está pronta para ser trançada.



Figura 5- Balaio, localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (06/12/2010).

Os acessórios para ornamentação (**cocares**, indicados na FIGURA 6) são elaborados com penas, barbantes, taquara e papelão. As penas são tingidas de anilina ou já possuem coloração natural, o papelão é usado para fazer o suporte do cocar. Assim como a taquara corta-se um semicírculo de papelão sendo que o mesmo é forrado com taquara para dar um melhor aspecto, em cima são enfiadas as penas maiores, no seu redor as penas menores são coladas, os barbantes servem para amarrar o cocar à cabeça e ajustar as penas que ficam suspensas.



Figura 6- Ornamentação cocar e bastões, localidade de Capinzal.

Fonte: Cedida pela comunidade Kaingang da aldeia de Capinzal.

As **armas** são pouco fabricadas na aldeia, pois não são feitas mais guerras e a caça é rara. Elas são fabricadas atualmente para apresentações para outras etnias. Para fabricar essas

armas, é preciso inicialmente ter cuidado especial na escolha dos galhos de árvores. No caso de arcos, devem ser galhos flexíveis para poder dar inclinação e ser amarrado com uma borracha; as flechas também são feitas com galhos, nesse caso devem ser retos e resistentes, após encontrar o galho certo no mesmo é feita uma ponta com uma faca e na outra extremidade é arredondado para poder ser lançada. Também produzem bastões que eram usados pelos guerreiros nas suas batalhas, os mesmos são feitos de madeira seca, ornamentados com penas e pintados de verniz, como podemos observar na FIGURA 6.

Os objetos de decoração são feitos com cipó, taquara, troncos de pinheiro e penas. Os Kaingang elaboram **casas de cipó para passarinhos** no formato de pássaros (FIGURA 7). Também são feitos **porta-canetas** de taquara (FIGURA 8), enfeites de pena para decorar casas, locais de festa e a escola da aldeia, além de bancos de troncos de pinheiro.

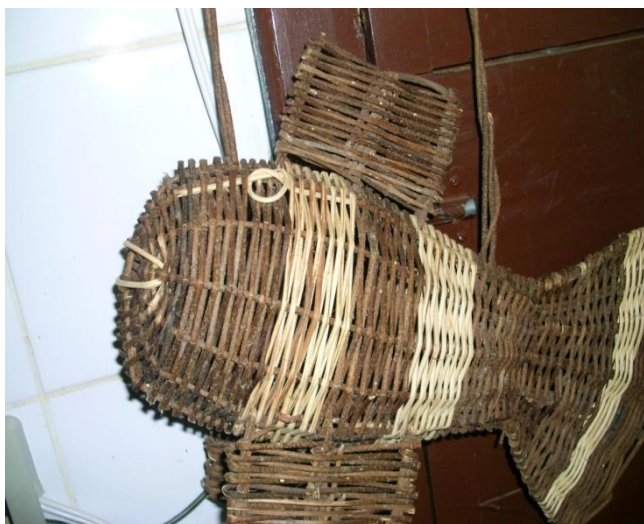


Figura 7- Casa de pássaros de cipó, localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (06/12/2010).



8- Porta caneta de taquara, localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (06/12/2010).

Os **colares, pulseiras e brincos** feitos pelos Kaingang em sua maioria são elaborados com sementes colhidas na mata, assim como os caroços de algumas frutas. Esses materiais são expostos ao sol para secarem e, somente depois disso, são manuseados. Para a elaboração desses acessórios também são utilizados outros materiais extras que são adquiridos na cidade de Constantina, a 11 km da aldeia. Ali compram o material que não possuem para dar acabamento em suas peças, como: barbantes, fios de *nylon*, fechos de ferro e fios de silicone. Para a elaboração de um colar, com um ferro quente e fino é feito um buraco em cada semente ou caroço por onde vai passar o barbante. Após, é feita a pintura com verniz para dar brilho e melhorar o aspecto do material. As pulseiras são feitas da mesma forma, com variações no trançado para dar uma essência melhor ao artesanato. Para elaborar os brincos utilizam-se sementes, penas, folhas de capim e pinos de ferro próprios para elaborar bijuterias (FIGURA 9).



Figura 9- Bijuterias de diversos materiais, localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (10/01/2011).

Os **instrumentos musicais** (FIGURA 10) são pouco produzidos pelas pessoas da aldeia. São mais utilizados em representações, nas suas festas e nos seus rituais. Os porongos são usados para confeccionar chocalhos e as taquaras servem para industrializar flautas e apitos. Os porongos secos são colhidos, lixados e sua semente é substituída por grãos ou pequenas pedras para que se possa extrair o som do objeto. O cabo para segurar os chocalhos é talhado em madeira e pintado em verniz, os adornos são enfeitados com penas e capim trançado. As flautas e apitos são fabricados com taquara onde as mesmas são raspadas e pintadas em verniz, os buracos nas flautas e apitos são feitos com um prego que é esquentado no fogo, os buracos são feitos de acordo com o som que se deseja extrair do instrumento.



Figura 10- Instrumentos musicais, localidade de Capinzal.

Fonte Juliana Ferrazzo (18/02/2011).

Outras formas de expressão do grafismo Kaingang, como as pinturas corporais, não fazem parte mais do dia a dia desse povo, só as ilustram para apresentações e rituais. As tintas utilizadas para fazer as pinturas corporais são o urucum quando encontrado, uma espécie de pasta de carvão que é obtida diluindo o mesmo com água e tintas coloridas (guache), para fazer os desenhos utiliza-se uma lasca de taquara onde é feita uma ponta e depois ela que é queimada para favorecer a pintura. As **pinturas** realizadas nos corpos representam as metades clânicas Kamé e Kairú como podemos observar na FIGURA 6 página 30.

Também são elaborados desenhos pelos Kaingang, sendo que esses desenhos representam sua história, seus rituais e a natureza, desenhos esses que são elaborados primeiramente com lápis, depois são pintados com tinta guache e pincel.

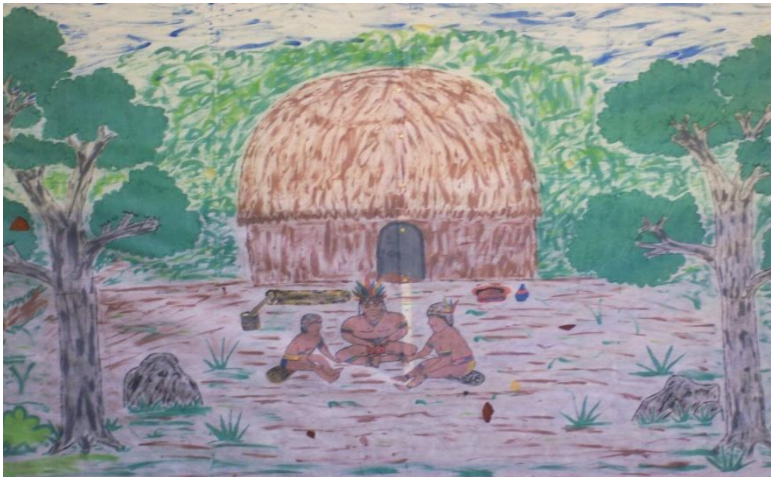


Figura 11- Desenho representando a vida dos Kaingang, localidade de Capinzal.

Fonte: Juliana Ferrazzo (06/12/2010).

Os artesanatos talhados, trançados e produzidos pelos Kaingang atraem o interesse de outras etnias, e é graças à arte do grafismo que os Kaingang conseguem se sustentar. Os artesanatos Kaingang são os responsáveis pela sobrevivência das pessoas da aldeia, além disso, é a forma de manter viva sua tradição. A arte do trançado e da elaboração de seus artesanatos os transporta para suas raízes e não os deixa esquecer seu lugar perante a sociedade que os cerca, lugar esse que os Kaingang procuram deixar bem explícito para as etnias com quem se relacionam.

A história dos Kaingang está presente no grafismo desde os tempos mais remotos, onde os mesmos pintavam cenas de caça e guerras em pedras para representar força e também sua maneira de viver para outras etnias. Hoje ainda se nota a presença do grafismo na aldeia Capinzal em desenhos que expressão seu cotidiano e suas histórias.

3.3 Comercialização

A comercialização do artesanato Kaingang é um dos métodos que promove o desenvolvimento da aldeia Capinzal, com a falta de caça e pesca para sua subsistência os índios se viram obrigados a comercializar sua arte para poder ter uma condição de vida um pouco melhor.

A comercialização desses artesanatos também acontece na forma de troca, por outros materiais, se não conseguem vender por dinheiro trocam por comida e roupas, o que na maioria das vezes ocorre, pois não é sempre que as pessoas estão dispostas a pagar em dinheiro pelos artesanatos Kaingang.

A venda desses artesanatos se dá em sua maioria nas proximidades da aldeia e na região do município de Constantina/RS, onde a aldeia se localiza. Os índios expõem sua arte nas ruas, em feiras e visitando as pessoas de casa em casa para poderem comercializar seus artefatos.

O desenvolvimento da aldeia é garantido quando os índios conseguem vender seus artesanatos ao invés de trocar, pois com o dinheiro conseguem não somente comprar utensílios, roupas e comida, mas também conseguem adquirir sementes e ferramentas para cultivar pequenas áreas de terra em torno de suas casas dando-lhes possibilidade de obter alimentos mais saudáveis.

4 SIGNIFICADO DAS ARTES KAINGANG E CONTEXTO DA COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTESANATOS

Na luta pela preservação de sua vida os índios desenvolveram a tecnologia do artesanato através do aproveitamento de materiais oferecidos pela natureza. Neste capítulo abordarei os significados desse artesanato elaborado pelos Kaingang, bem como falarei também sobre as pinturas elaboradas na aldeia que estão expressas nas paredes de suas casas e em seus corpos. Um dos pontos em especial que será objeto de reflexão neste capítulo é a maneira de como se dá a troca e comercialização desses artefatos.

4.1 Significados do grafismo e suas materializações: artesanato e pinturas Kaingang produzidas na aldeia Capinzal

Os artesanatos Kaingang são rodeados de significados, principalmente envolvendo as metades Kamé e Kairú. Essa diferença se nota na forma como as cestarias são confeccionadas e como é feita a pintura corporal. Nesses parâmetros, busquei entender a concepção dos grafismos, seja no artesanato, seja em pinturas elaboradas por essa etnia.

As cestarias de características morfológicas de posições e espaços considerados compridos, longos, abertos, são denominados Kamé, portanto pertencem a esta metade clânica, já os aspectos morfológicos, de posição e espaços vistos como redondos, quadrangulares, losangulares, baixos e fechados representam a metade clânica Kairú. Cada artesanato tem um significado dentro da cosmovisão Kaingang, pertencendo sempre aos Kamé ou aos Kairú.

Para os Kaingang, quando se fabrica um cesto o mesmo é pertencente a uma das metades. Se o objeto pertencer à metade Kairú, é de caráter mais fogo, leve, formas mais redondas e fechadas, pertence à lua, se pertence à metade Kamé significa que é mais forte, de formas mais aberta e que pertence ao sol como diz Silva:

Na realidade as patrimetades Kaingang apresentam apenas um aspecto-sociológico - de toda uma concepção dual do universo. Todos os seres, objetos e fenômenos naturais são divididos em duas categorias cosmológicas, uma ligada ao gêmeo ancestral Kamé, e a outra vinculada ao gêmeo ancestral Kairú. (SILVA, 2002, p. 2).

O artesanato Kaingang pode ocorrer em diferentes formas, ocupando variadas funções para a população indígena. Segundo Pohl e Milder (2008):

O grafismo presente nos materiais etnográficos dos Kaingang, e principalmente os trançados, constituem-se em referências visuais claras de sua identidade cultural em relação à sociedade envolvente, seja ela dos brancos ou de outra etnia indígena. (POHL E MILDER, 2008, p. 4).

A taquara é a planta mais utilizada para o trançado, não somente por sua disponibilidade e fácil preparo, mas por que participa do cotidiano dos Kaingang e da sua memória cultural, assim como também na oralidade e memória dos mais antigos.

No caso das pinturas corporais, estas são realizadas para cerimônias, festas, casamentos e representações de sua etnia para outras culturas, sempre destacando as metades clânicas Kamé e Kairú. As pinturas corporais Kaingang têm significados muito importantes para esse povo de acordo com sua tradição histórica os deixam em harmonia com os espíritos e com a natureza. As pinturas corporais não são permanentes.

É necessário considerar que, dentro dessa complexidade, as metades clânicas Kamé e Kairú desempenham papéis, ideias de amizade, ajuda mútua cooperação e complementaridade, como salienta Silva (2008):

Desse modo, é manifestada uma matriz mitológica Kaingang, que cria um campo semântico de oposições a partir da vinculação a um ou outro herói mítico, pares contrastantes marcam esse dualismo, cuja abrangência engloba todo o cosmos, incluindo, entre outros, os elementos classificatórios no âmbito da natureza e de sua exploração, as relações entre os homens, à organização social e o ritual do espaço, a cultura material, as representações sobre as características físicas, emocionais e psicológicas, as diferenciações de papéis sociais e os padrões gráficos representados em vários suportes (SILVA 2008, p 192).

É possível encontramos, na atualidade, relatos bastante claros do que representa a pintura corporal Kaingang e suas diversas finalidades. Ela não é feita somente por vaidade ou por questões de estética, mas pelos valores que agrega, pelo simbolismo que representa. Um importante exemplo trazido por Silva no que diz respeito às pinturas corporais é visualizado no seu uso durante o rito dos mortos, que têm, dentre outras finalidades, a de situar o Kaingang em um lugar no mundo, de identificar a que metade clânica ele pertence (Silva, 2008).

Durante a realização do ritual dos mortos o dualismo é plenamente observado, pois nessa cerimônia cada metade é chamada para tratar os espíritos dos mortos da outra metade, para que possam ser libertados e deixar o cemitério onde estavam desde suas mortes. (Silva, 2008). Segundo Silva,

Esta concepção dualista de idealmente buscar simetria nas relações entre opostos vai se refletir nas formas de sensibilidade estética Kaingang e, conseqüentemente, no sistema de representações visuais, já que as “marcas” (grafismos) opõem e, ao

mesmo tempo, aproximam os opostos, e no sistema xamânico enquanto mediador entre os diferentes domínios do cosmo e os humanos (SILVA, 2002, p195).

Portanto, a pintura, para os Kaingang, é um código visual de comunicação entre metades. Por exemplo, a pintura facial com motivos compridos define o Kamé, já os Kairú pintam-se com motivos redondos, em consonância com outras materializações do grafismo. Importante salientar que um indivíduo Kamé não pinta outro indivíduo Kamé e um Kairú não pinta outro Kairú, um pinta o outro: um Kamé pinta um Kairú e um Kairú pinta um Kamé.

Como se pode notar, os significados dos artesanatos e das pinturas Kaingang giram em torno das metades clânicas Kamé e Kairú que são as identidades desse povo. Essas metades são seguidas em partes na aldeia Capinzal, no caso da cestaria já não se segue mais a dualidade de cada metade para fabricar seu estilo de cesto, pois os mesmos fabricam ambas as metades. Nas cerimônias, porém, a divisão continua visível e ainda é praticada.

4.2 Como os indígenas veem as formas de troca e comercialização dos artesanatos

A comercialização dos artesanatos indígenas têm como significado para essa etnia o de sobrevivência. Eles não têm ambição de fazer com que essa prática os deixe em um patamar mais elevado perante a sociedade. Se fosse esse o caso, poderia ser feito o investimento em cooperativas, expandindo a atividade enquanto um negócio e também apostando na exportação de sua arte. No lugar disso, satisfazem-se em ganhar pouco (financeiramente falando) e ter sua arte sob controle, pois sabem que se expandirem o artesanato em grandes escalas, para comercialização em locais distantes de sua aldeia, a possibilidade de copiarem e mesmo desconfigurarem sua forma de trabalho.

Isso pode implicar em risco de que eles percam sua forma de sobrevivência relacionada à venda de seus artefatos. Os artesanatos elaborados pelos Kaingang servem como fonte de renda para suas famílias, suprindo necessidades básicas sem que precisem recorrer a outras formas de sobrevivência.

Porém, devido aos insuficientes circuitos de venda local, os Kaingang, em determinadas épocas do ano, necessitam deixar suas famílias para vender as peças que fabricam. Eles vão para cidades mais distantes da que pertencem para garantir uma melhor venda ou troca de artefatos. Contribui para essa situação a demanda cada vez maior pela compra de alimentos ou outros itens de necessidade. Sem ter matas para caçar e rios praticamente sem peixes para pescar, eles cultivam alguns grãos, como o milho e feijão, raízes

(mandioca, batata), alguns vegetais para subsistência e muitas vezes também vendem seus trabalhos para conseguir sobreviver.

O artesanato é um método que promove o desenvolvimento da aldeia, podendo com o dinheiro que recebem dessas vendas investir em algo que almejam. Para a luta de preservação da própria vida desenvolveram a comercialização e troca de seus artesanatos, já que os mesmos têm custo baixo, por serem feitos com o aproveitamento dos materiais retirados da natureza.

Durante todo ano os Kaingang fazem a comercialização de seus artesanatos nas comunidades pertencentes ao município de Constantina. Saem dessas áreas apenas em algumas ocasiões, como no caso do Natal, Ano novo e Páscoa, quando percorrem longas distâncias de sua aldeia. Nem sempre conseguem vender por dinheiro então trocam seus artesanatos por comida, roupa, utensílios domésticos, tudo para não perder a oportunidade de ganhar algo em troca de seu trabalho.

Conforme o relato de Tereza, da aldeia Capinzal-RS:

A gente faz por encomenda né, muitas vezes, por que daí assim a gente já têm garantido que vai vende ou troca.

Nós pedimos 25,00 reais, mas a gente negocia né, para poder vender. Se a gente ganha dinheiro ajuda para comprar roupa né, quando falta roupa para as crianças a gente pode até briquiar em troco de roupa e calçado, mas a maioria das vezes a gente troca por comida né que também precisa.

É ruim quando as crianças não estão de férias, né, por que daí não dá para sair e deixar elas e tira da escola é ruim, né, então quando é época de férias a gente até ganha mais por que sai mais, né, por que daí leva as crianças junto (Tereza Ferreira de Paula, aldeia Capinzal).

O artesanato é mais fabricado por quem precisa mais de renda para sobreviver, quem ainda pratica essa arte são os mais “excluídos” dentro da aldeia. As pessoas dentro da aldeia que não desfrutam de uma boa forma de vivência passam por dificuldades financeiras e não conseguem adquirir o que almejam por isso o artesanato se tornou para estas pessoas a forma de conseguirem um pouco de estabilidade financeira, com a venda ou troca de seus artesanatos conseguem suprir suas necessidades, claro, que não da maneira que gostariam, mas, de certa forma são gratos por terem aprendido essa arte, pois, é ela que lhes garante o sustento.

Existe uma exploração muito grande em relação às outras etnias sobre os indígenas que vendem seus artesanatos. Como as pessoas que compram ou adquirem essas peças sabem que os mesmos precisam vender sua arte para sobreviver, aproveitam-se da situação para ganharem os artesanatos praticamente de graça. Apesar de muitas vezes baixarem os preços

em um nível muito baixo, há o relato de situações em que não conseguem vender e nem trocar sua mercadoria, e para não levar de volta para a aldeia a deixam em troca de algum material.

Em média o preço de um cesto varia de R\$ 20,00 a R\$ 25,00, mas é muito difícil que os índios consigam vender por esse preço, às vezes conseguem vender por R\$10,00, trocam por uma galinha, por roupas e também bebidas alcoólicas. As pessoas que negociam com eles se aproveitam de suas necessidades, sabendo que precisam, oferece-lhes pouco e para não voltarem de mãos vazias se sujeitam a trocar seus artesanatos por qualquer coisa ou por valores muito baixos, já que muitas vezes os mesmos têm que comprar a matéria prima para elaborar os artesanatos.

O preço sugerido pelos índios por seus artesanatos é baixo, levando em consideração o trabalho que é para confeccioná-los e que muitas vezes têm que ser adquirido na cidade, e também que os mesmos têm que se distanciar de sua aldeia para conseguirem matéria-prima para elaboração de seus artefatos, as pessoas que adquirem essas peças, poderiam dar mais valor à forma de trabalho Kaingang, valor esse não apenas relacionado ao dinheiro, mas sim à sua arte, pois é isso que eles esperam respeito e reconhecimento por seu trabalho.

CONCLUSÃO

Os Kaingang estão espalhados no sul do Brasil, os ambientes em que vivem são muito diferentes alguns em matas fechadas, outros em aldeias que estão em contato direto com outras culturas e uma parte está vivendo nos centros urbanos.

Há poucas Terras Indígenas com boas condições de mata nativa e rios para proporcionar caça e pesca para que possam viver da maneira que gostariam. Os indígenas não conseguem tirar da mata o seu sustento e os materiais para elaborar o artesanato, de grande importância cultural e econômica para a aldeia. O artesanato é a forma de viverem, mesmo que sem muitos recursos, e de cultivar elementos de sua cultura.

Os objetivos do trabalho foram alcançados, as pesquisas realizadas obtiveram as respostas para as questões que me propus responder, que procuraram esclarecer as formas de coleta para confeccionar seus artesanatos, a maneira de confecção, os significados de tal arte e a sua comercialização. Vivenciar o objeto de estudo foi muito importante para a compreensão do artesanato Kaingang, assim como compreender sua confecção, seus significados, sua comercialização e sua importância para esse povo que vive na aldeia Capinzal.

Os materiais utilizados para confecção dos artesanatos são retirados da própria aldeia, algumas peças somente são compradas no comércio da região, como não se encontra muita matéria prima na aldeia às pessoas da aldeia que fabricam o artesanato se deslocam de suas casas para conseguir material e produzir seus artefatos, indo para outras aldeias ou para regiões fora de sua reserva.

As transformações culturais na aldeia Kaingang de Capinzal são bastante visíveis, os índios que foram entrevistados têm plena consciência de que suas vidas já não são mais como a de seus antepassados, tudo a sua volta mudou desde a alimentação, casas, vestimenta e a forma de falar. Mas, mesmo com tantas transformações, visíveis ou não, os Kaingang da aldeia procuram conservar elementos sócio culturais que consideram importantes.

No artesanato, a grande mudança que se pode notar foi a substituição do urucum pelas tintas industrializadas, essas adaptações foram necessárias para que os índios pudessem dar continuidade a seus trabalhos. Atualmente, na Reserva são confeccionadas cestarias, bijuterias, algumas armas e instrumentos musicais.

Sendo assim pode-se concluir que, apesar de todas as transformações que esse povo sofreu, os índios valorizam e procuram resgatar os aspectos que consideram como relevantes para que sua cultura se remova, repassando-a para as novas gerações, os mesmos têm bem

claro diante de si as transformações pelas quais passaram e as consideram positivas, possibilitando reconfigurações em sua nova forma de viver.

Ao desenvolver o trabalho de pesquisa sobre o artesanato Kaingang na aldeia Capinzal, notei o quanto esse povo é hospitaleiro, da parte deles não existe qualquer preconceito, claro que ficam desconfiados de ter pessoas diferentes de sua cultura vivendo em seu meio, mas mesmo assim acolhem os visitantes com muito respeito.

O artesanato ganha mais destaque na aldeia pela cestaria, que é o que mais se produz, sendo que quem a fabrica são os que mais precisam de renda para sobreviver. Pensa-se em levar a arte do trançado pra dentro das salas de aula, mas isso ainda é um projeto que está sendo pensado pelos integrantes da aldeia, para que se conheça mais da cultura e para que a mesma seja transmitida às gerações mais jovens.

O artesanato é uma arte que acompanha os Kaingang desde seus princípios de existência, sobrevivendo até os dias atuais, claro que algumas práticas ficaram pelo caminho e não fazem mais parte dessa cultura, mas tenta-se cultivar o possível. A princípio a confecção de tal arte era para uso exclusivo da aldeia, utilizado nas tarefas domésticas, para decoração e nas práticas rurais, hoje os índios da aldeia Capinzal utilizam esses artesanatos para garantir sua sobrevivência.

Uma questão que pode ser elaborada para novos estudos é de qual a importância do artesanato para o desenvolvimento rural e sustentável da aldeia, se a ou não uma relação entre ambos e se existente como a mesma acontece.

Realizar este trabalho sobre artesanato Kaingang foi muito gratificante, claro que no decorrer da pesquisa foram cometidos erros, erros esses que fizeram as ideias amadurecerem e encontrarem foco.

Como pesquisadora avaliei a aldeia sob um olhar diferente, buscando responder questões peculiares e entendendo uma etnia diferente da qual estava acostumada, participando dessa etnia tive o cuidado de nunca interferir no dia-a-dia desse povo, o mais difícil de lidar com um povo que vive de forma diferente da qual estamos acostumados, é saber lidar com o etnocentrismo que carregamos mesmo sem querer na nossa bagagem, esse foi um dos grandes obstáculos enfrentados durante o processo de pesquisa na aldeia Capinzal.

REFERÊNCIAS

- ARESI, Cláudia. *Transformações culturais e territórios: O Kaingang da reserva indígena de Serrinha-RS*. Dissertação (mestrado em Geografia)-Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BREGALDA, Damiana. *Construindo corpos e pessoas Kaingang: Os Kujá nas bacias do Rio dos Sinos e do Lago Guaíba*, Porto Alegre, 74 pg, 2007.
- BORBA, Telêmaco. *Actualidade indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- CARINI, Joel João. *Estados, índios e colonos: conflito na reserva indígena de Serrinha-norte do Rio Grande do Sul-Passo Fundo: UPF-2005*, 271pg. Editora UPF afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias.
- CONTERATO, Marcelo Antônio e FILLIPI, Eduardo Ernesto. *Teorias do desenvolvimento*, editora UFRGS, SEA- secretaria de educação a distancia, 55pg.
- DORNELLES, Soraia Sales. *As dinâmicas de uso do espaço Kaingang no Planalto sul brasileiro: concepções de mobilidade e território*, Porto Alegre, 41 pg, 2008.
- GERHART, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 121 pg, 2008.
- GODOY, Rosângela Perini de. *O traço e o trançado: A história dos índios Kaingang em suas expressões culturais*, s/d, 23 pg.
- J R, Saldanha. *Eu não sou pedra para sempre: cosmopolítica e espaço Kaingang no sul do Brasil meridional*, 208 pg, Porto Alegre, 2009.
- NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. *Olhar, escutar e trançar: o artesanato Kaingang de cada dia*. IV Encontro regional de história oral, cultura, identidade e memórias, 2007.
- PINTO, Célia Regina Jardim. e GUAZZELLI, César A. Barcello, (org.). *Ciências humanas: pesquisa e método*, Porto Alegre- editora UFRGS-série graduação, 2008, 148 pg.
- _____. *Prêmio culturas indígenas*, edição Xicão Xukuru, ministério da cultura, SESC SP, 2008, 432 pg.
- POHL Ângelo Inácio e MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. *Representações visuais da cestaria Kaingang na terra indígena de Carreteiro: o grafismo e seus significados*, UFSM, 14 pg, s/d, Vestígios do passado-IX Encontro Estadual de História-Associação Nacional de História-ANPUH-RS, Santa Maria.
- SILVA, Sérgio Baptista da. *Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta*. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, no. 18, 2002.
- _____. *Sociocosmologias indígenas no espaço metropolitano de Porto Alegre*, 2008, Porto Alegre-RS.
- _____. *Suma Etnológica Brasileira*, edição atualizada do Handbbok of south american indians. Arte índia, coordenação-Berta G. Ribeiro. 2º edição, vozes. FINEP-financiadora de estudos e projetos, Petrópolis, 1987.